



Cyla Araújo, em casa, amamenta o recém-nascido Eduardo, observada pela avó Maria Elon: "Menino já nasceu um artista"

Eduardo tem alta e mãe critica hospital

162

No terceiro dia de vida, criança chegou a sua casa, em Cantá, onde é grande a incidência de malária

MOISÉS RABINOVICI

Enviado especial

CANTÁ — O bebê que marcou a vitória da vida sobre a morte no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré chegou ontem a sua casa, em Cantá, um povoado a 30 quilômetros de Boa Vista, em que 95% dos 2.730 habitantes já tiveram pelo menos um ataque de malária.

A mãe do bebê Eduardo foi um dos doentes graves de malária, há quatro anos. "Quase morri", conta Cyla Araújo, de 26 anos. "A minha foi meia cruz", a mais grave, "e atacou o fígado". O governo de Roraima está se preparando para a ocorrência de 40 mil casos de malária neste ano, 5 mil a mais do que

em 1995 — aumento atribuído às prolongadas chuvas de julho e agosto.

Eduardo, no terceiro dia de vida, chegou a sua casa às 10h50 e logo mamou na varanda, embalado numa cadeira de rodas. Em alta desde anteontem, só pôde sair do Hospital Materno ontem de manhã, depois que sua mãe ameaçou partir sem ser examinada, reclamando que havia dois dias esperava um médico. Uma enfermeira impediu o escândalo examinando-a superficialmente para assinar a liberação.

Cyla disse que teimou em partir porque "a comida do hospital é lavagem". Reclamou também de "baratas andando à noite pela enfermaria", apesar da detetização e desinfecção gerais feitas para estancar o surto de infec-

ção. Apenas em outubro, 33 bebês morreram na maternidade. De companheiras ouviu dois casos escabrosos. "Um nenê foi degolado por um médico, faz algum tempo, quando retirado por

um parto normal que deveria ser, na verdade, uma cesariana", ela contou. Outro caso é o de uma parturiente que ficou paralisada ao ser anestesiada, hoje em tratamento em Brasília. Um porta-voz da Secretaria da Saúde de Roraima estranhou

as baratas, o degolamento e a imperícia anestésica. "Agora estão nos atribuindo a culpa por tudo."

A viagem de táxi para Cantá foi um "suplício" para Cyla. A cada buraco na estrada metade de asfalto, metade terra, gemia. "Doem os pontos, dói lá dentro..." Terceira cesariana, não podendo

uma quarta, ela pediu ao obstetra e deputado Alceste Almeida (PPB-RR) que a tornasse estéril, ligando-lhe as trompas. Os filhos Carina, de 8 anos, e Carlos, de 1,7, não estavam em casa para receber o irmão Eduardo Manuel Araújo da Silva. O pai abandonou a mulher há seis meses.

Cyla vive de três casas alugadas em Cantá, cada uma por R\$ 100 ao mês. É dela também a casa de madeira em que mora com a mãe, Maria Elon, de 65 anos. O quarto de Eduardo ainda não estava pronto para recebê-lo, mas ficaria, até a noite.

Uma ajudante foi contratada por alguns dias, porque "o menino nasceu com o dia trocado pela noite, e não tem dado para dormir". A avó não tem dúvida: "Já nasceu um artista", repete o que disseram enfermeiras comentando o momento do nascimento, que marcou uma nova fase no Hospital Materno-Infantil e apareceu na primeira página do *Estado*, na terça-feira.

CYLA
RECLAMOU DE
BARATAS NO
QUARTO